

O ser musical

Magali Dias³

RESUMO

Este artigo foi escrito com o objetivo de iniciar o estudo de como a música dentro da escola poderia proporcionar benefícios na vida dos seres humanos, desde a sua mais tenra idade. Também foi a base das pesquisas que culminaram com o artigo publicado em 2009 na Revista nº 01 do NEPIM sobre a Música e a Musicoterapia na escola fundamental.

Palavras-chaves: música, educação inicial, ser musical.

ABSTRACT

This article was written with the objective to start the study of how music inside schools could provide benefits in the lives of human beings since an early age. It was also the base of the researches which culminated in the article published on 2009 in NEPIM's publish number 01, about music and music therapy in elementary school.

Key- words: music, elementary school, musical being

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo demonstrar que o ensino da música na idade pré-escolar é de grande importância para o desenvolvimento, aperfeiçoamento e integração das crianças, foram analisados os textos e materiais recolhidos em pesquisa anteriormente realizada para escrita de artigo exigido para a Pós Graduação em Educação Infantil e Práticas Pedagógicas, realizado no Centro Universitário Positivo (UNICENP); além de literatura recolhida e recomendada pelos professores do curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, das disciplinas de Anatomofisiologia e

³ Musicoterapeuta graduada pela Faculdade de Artes do Paraná (2009), Pós Graduação em Educação e Saúde, UNIFAE (2009), em Práticas Pedagógicas, UNICENP (2005); especialista em Musicoterapia na Abordagem Plurimodal, ADIM (2010). Email: magali.mgldias.dias@gmail.com

Neurofisiologia, Psicologia do Desenvolvimento, Desenvolvimento do Senso Rítmico, Historia da Musica I, Antropologia e Metodologia do Trabalho Científico. Estas leituras serviram para estudar os benefícios do ensino da música desde muito cedo e os benefícios que a música proporciona na vida do individuo como um ser musical, que é. Bingand, em seu trabalho diz que: ...”aprender a tocar um instrumento reorganiza diversas regiões cerebrais (as áreas motoras, corpo caloso e cerebelo), incluindo aquelas diretamente ligadas à percepção musical”. As diferenças parecem ainda mais significativas em pessoas que começaram a estudar musica desde muito cedo... (BINGAND, 2005, p. 70)

DESENVOLVIMENTO

A música é expressão artística mais antiga conhecida pelo Ser Humano. Ela é inerente á nossa essência. Nossa pulsação é compassada e rítmica, assim como nossa respiração, nosso caminhar, nossa fala, nossos movimentos. O canto é a forma mais comum de expressão entre os povos, mesmo que estes não tenham desenvolvido a escrita e utilizem somente instrumentos para marcar o ritmo (LEINIG, 2008). A música é um dos fenômenos mais intrigantes da humanidade. Nossa sensibilidade ao tempo, nossa tendência a ordenar informação auditiva e nossa habilidade em classificar e imitar padrões sonoros são características únicas dos seres humanos (STORR, 1993). Estas habilidades musicais são essenciais para o desenvolvimento da linguagem. A noção de que a capacidade lingüística humana esteja intimamente relacionada à habilidade humana de fazer música, de aprecia – lá, foi fervorosamente defendida no século XVII por pensadores do iluminismo europeu como Condillac⁴ e Rousseau⁵. Sendo assim, O Ser Musical neste trabalho será retratado como o próprio ser humano, ou mais especificamente a criança na fase inicial da sua educação formal, analisando seu desenvolvimento, suas necessidades, posturas, costumes e cultura, do

⁴ Rousseau, Ensaio sobre a origem da linguagem

⁵ Condillac, Ensaio sobre a origem do conhecimento humano.

ponto de vista fisiológico, psicológico e histórico.

O Homem canta por toda a parte, e assim experimenta a satisfação que traz consigo, de todas as formas de auto-expressão. Ao cantar, também proporciona (sem o perceber), dados preciosos cuja utilização permite ao investigador da cultura, interpretar a expressão artística numa análise científica para que assim possa ampliar os conhecimentos e a compreensão da vida do homem. (LEINIG, p. 386, 2008)

De acordo com o parecer de vários autores na área, como a Professora Isis Tavares⁶, compreende-se que a educação musical deve fazer parte de um conjunto educativo ativo, e que só neste contexto favorecerá a síntese das diversas aquisições culturais desde a infância. Este componente artístico não só lhe dará a oportunidade de praticar música, como concorrerá para o desenvolvimento de todas as faculdades, harmonizando-as entre si, facultando o fortalecimento da personalidade. De acordo com Vieillard: “A arte musical é uma prática mais antiga que a agricultura e está profundamente arraigada na história: não existem comunidades humanas sem atividade musical.” (VIEILLARD, 2005 pg.56 a 77); então, a partir desta premissa podemos inferir que: como todo ser humano, a criança já possui a capacidade de apreender música inerente, arraigada, intuída no seu desenvolvimento cultural e social, basta despertar cultivar e desenvolver este conhecimento.

Para uma contextualização teórica desta proposta vamos observar como o desenvolvimento físico e intelectual ocorre na criança, recorrendo os princípios observados pela pesquisadora e professora Elvira Souza Lima⁷, de como o desenvolvimento do cérebro é cultural, ocorrendo desde a concepção e desenvolvimento intrauterino até a aquisição de bagagem cultural adquirida e acumulada ao longo da vida. A carga genética e biológica somada à

⁶ Isis Tavares é coordenadora dos programas de formação de professores no Estado de Paraná e responsável pelo desenvolvimento dentro do IESDE do trabalho: Encaminhamentos metodológicos – Música, algumas considerações sobre o ensino da arte de 2000.

⁷ Elvira Souza Lima é doutora em Educação, pesquisadora e escritora das obras mencionadas nas referências bibliográficas como bases para a Fundamentação Teórica sobre o Desenvolvimento Infantil.

aprendizagem adquirida no decorrer do tempo faz de cada indivíduo um ser único e diferente de todos.

O ser humano possui um desenvolvimento integrado da parte biológica com o aprendizado e as emoções, que somados modulam a memória. O cérebro processa as palavras como imagens, a criança vai depender dos sentidos para desenvolver as imagens e formar a memória. Segundo Lima (2004) para se desenvolver adequadamente, a criança precisa de: tempo para seu amadurecimento biológico – não há como apressar o desenvolvimento das espécies; precisa de tempo para a prática constante a fim de atingir a perícia necessária para a execução dos movimentos, devendo o adulto, respeitarem o tempo infantil; não interferir ou fazer pela criança, mas ajudar, incentivar e motivar o desenvolvimento e desempenho delas.

A criança precisa de espaço, lugar adequado, liberdade de movimento para se expressar, em segurança. As atividades físicas são essenciais e podem ocorrer em espaços: privados (casa), públicos (ruas, praças, parques), institucionais (escolas, creches), e naturais, ou seja, a própria natureza; que possibilitem a socialização da criança. Também se faz necessário o desenvolvimento da comunicação, meio pelo qual a criança se expressa nas diversas fases de desenvolvimento, movimentos repetitivos e imitação, gestos e maneirismos, imitação de sons até a fala propriamente dita; das práticas culturais: através de eventos, festas e celebrações. Além disso, participar das atividades coletivas possibilita o desenvolvimento da identidade cultural da criança na sociedade. As refeições, por sua vez, também, desenvolvem os sentidos que desenvolvem a memória, os cheiros, os sons e os sabores, que geralmente são ligados a diversas fases da vida infantil; devendo sempre se respeitar às aptidões individuais bem como as limitações individuais, ensinando a criança a apreender através do desenvolvimento da percepção, observação livre e dirigida e registro das mesmas.

Fortes aliadas das crianças são: a imaginação e a fantasia. A partir da imaginação a criança correlaciona os fatos e interage com o mundo e o outro; acaba assim construindo os recursos necessários para ligar os fatos e

sentimentos. É através das atividades artísticas que desenvolvemos a imaginação, absorvemos nossa cultura e conhecimento humano e desenvolvemos nosso conhecimento científico. Através da Curiosidade e da Experimentação é que a criança passa por diversas etapas de desenvolvimento experimentando primeiro com o próprio corpo e os objetos que a cercam e em outra etapa, com as coisas que a rodeiam como: o ar, a água, os componentes externos e os ciclos da natureza. É principalmente através do brincar que a criança experimenta e apreende sua cultura, com os jogos, cantigas, faz de conta que são atividades universais, movimento, os ritmos através das cantigas de ninar, infantis, jogos de rimas, danças, tudo isso possibilita o desenvolvimento e amplia a experiência da criança.

Reunindo os conceitos acima mencionados, de como a criança se desenvolve, como ela aprende e percebe os ensinamentos; do que ela precisa em termos de espaço físico e lúdico para este desenvolvimento apropriado, pode-se dizer que a Educação Musical é fundamental para as crianças. Deve constituir-se como: o ato de ensinar, alimentar e instruir, além de desenvolver atividades psicológicas, intelectuais e morais, através do conhecimento cultural, da obra criada através do tempo pelas sociedades, assegurando a todos o direito de ter acesso ao mesmo. A Educação Musical poderá e deverá ser transmitida pela cultura geral, pelo folclore e pela própria música; esta como sendo uma das primeiras manifestações de artes da humanidade; através do repertório musical e social, de determinada comunidade ou sociedade a fim de que esta criança se desenvolva e se aproprie destes conhecimentos, costumes e obras culturais acumuladas através dos tempos.

A afirmação acima esta reforçada por vários autores analisados sobre os quais discorreremos a seguir. De acordo com Francine Best, autora do livro "Por uma Pedagogia do Despertar", existem dois tipos de despertar nas crianças: seu próprio despertar, de seus pensamentos, suas possibilidades de compreensão e de conceituação, seu poder de criação, curiosidade perceptiva e intelectual; e despertar para o mundo, para o meio que a atrai, influencia, e sobre o qual deverá ser levada a agir através do estudo dos meios e do aprender a aprender. (BEST, F., p.18)

E no mesmo livro ao se referir especificamente à música a autora ressalta:

Permitir, por meio da produção de sons, de cores e formas, que a criança sinta o seu poder criador e sua aptidão para produzir determinadas obras, dar-lhes a conhecer os objetos culturais de que esta rodeada eis a finalidade das atividades artísticas, que são o despertar para o mundo (mundo das percepções, dos objetos culturais), como também das atividades de descoberta e de conhecimento do meio, embora segundo modalidades diferentes. (BEST, p.19,1981)

Já para Edgar Willems, autor de “As Bases Psicológicas da Educação Musical”, e “Necessidades da Educação Musical”, encontramos vários relatos e citações que afirmam importância da educação musical:

[...] a música é a expressão do que mais profundo existe no ser humano [...]. A Educação musical deve fazer parte de um conjunto educativo ativo, só neste contexto favorecerá a síntese das diversas aquisições culturais da criança. Este componente artístico não só lhe dará oportunidade de praticar música, concorrerá para o desenvolvimento de todas as faculdades e harmonizando-as entre si facilitará o fortalecimento da personalidade [...]. A criança já possui o domínio musical interiorizado, basta despertar, cultivar e desenvolver [...]. Pode-se ensinar a escutar, apreciar e praticar. Seriam ideais, que a música estivesse intimamente ligada aos demais trabalhos escolares: poema cantado ou decorado, texto livre ilustrado com ritmos instrumentais [...]. Nas crianças pequenas é imperativo que a iniciação musical seja integrada a todos os demais elementos da educação, como a poesia, a ginástica, a dança, a arte dramática, o cálculo, a linguagem, etc. (WILLEMS, p.178-179).

Mais além, Willems também descreve que cantar, é experimentar expressar-se por meio de instrumentos e manipulação do material sonoro. Que a música desperta a curiosidade e a atividade, favorece sua espontaneidade e expressão corporal: primeiro a criança adere ao trabalho, depois participa dele

espontaneamente. No decorrer de sua obra, também, relata várias formas de cantigas e exercícios de audição e ritmo, baseados na obra de Carl Orff, compositor alemão, especialista em pedagogia musical – SCHULLWERK – que

Anais do XIII Fórum Paranaense de Musicoterapia v. 13, 2011

relata o uso de instrumentos de percussão e sua associação com a palavra e o som. Orff afirma que cada aula deve encerrar um conceito, e que o professor esteja sempre disponível para auxiliar a criança, orientado para a pesquisa rítmica, melodia, harmonia, orquestração e noção de forma. Usando textos, cantos e danças populares, com improvisações. Não se esquecendo de que o corpo humano é também um instrumento musical, e que com ele podemos fazer vários sons como: palmas, bater dos pés, jogos rítmicos, etc., além dos sons da natureza com o apoio de canções conhecidas e clássicas e exercícios com a voz. Por abranger as áreas envolvidas no ensino da música, levando em conta toda a parte motora necessária e a integração dos pares, esta obra é uma das mais completas e de fácil acesso, até para os mais leigos na área.

Em seu livro: *A Música e a Ciência se Encontram*, Leinig (2008) afirma que: “As músicas e os instrumentos folclóricos são de muita valia para a musicoterapia, devido à facilidade que têm em deixar o paciente, mais receptivo, principalmente quando se conhece a religião de onde ele provém, ou de onde seus pais tenham imigrado.” (LEINIG, p.380, 2008)

Se formos analisar a formação básica da música brasileira, a partir destas premissas, veremos que ela nos remete ao século XVIII. Até então a criação de música folclórica era produzida de modo isolado pelas comunidades colonizadoras, entre elas os portugueses; e pelos negros e indígenas, sem ter um traço marcante de música brasileira em si (formação do ISO Universal). A partir daí, dos portugueses tomamos a língua materna, ritmos, instrumentos, composições melódicas, formas de cantar e textos poéticos, além do sistema harmônico estrutural de nossa música.

Quanto à influência ameríndia verifica-se uma grande diversidade, devido a nossa vasta região e aos vários núcleos de colonização, que se estabeleceram em sua maioria nas regiões norte e nordeste. A música africana contribuiu com o contraponto, a costura, o alinhavo, do ponto de vista musical. Vemos como mais relevantes à quebra de quadratura, os instrumentos de percussão e a plasticidade rítmica natural de nossa música. Em seu último livro Leinig fala sobre o folclore e a aculturação do povo brasileiro:

Na época da catequese, havia no Brasil três civilizações arcaicas, contra as quais o catolicismo romano teve que lutar: portuguesa, ameríndia e africana. Entre os recursos que os jesuítas usavam para catequizar os índios e demais habitantes das terras brasileiras foram a música e o canto. Muitas das danças dos índios foram conservadas, porém com melodias católicas romanas. Pouco a pouco, a música, o canto e as danças tradicionais entre os selvagens, isto é, pertencentes ao folclore da nação indígena, foram se transformando, se cristalizando, dando-se aí, então, o fenômeno da aculturação. (LEINIG, p.388, 2008).

Interligando os diversos ritmos e movimentos históricos em nosso País poderíamos facilmente demonstrar, aos nossos alunos, as interferências sociais e culturais das diversas etnias; desde a nossa colonização, invasões estrangeiras, guerras por posse de territórios, até as imigrações do século XVIII e XIX pelos europeus, o pós-guerra, etc. e de como tudo isto contribuiu para o desenvolvimento de nosso País, como nação, povo e sociedade, observando as diversas regiões e suas singularidades.

Estudar música é estudar, também, história, costumes, fatos relacionados com o desenvolvimento racial, social e cultural de nosso País. Lembrando que somos um país com dimensões continentais e com colonização e costumes diversos, defendemos que todos os meios de expressão cultural devem ser respeitados, trabalhados e estudados, não devendo os mesmos ser sobrepostos uns aos outros e procurando minimizar as diferenças de costume ou sócios culturais, das diferentes áreas regionais de nosso do Brasil.

Devemos lembrar sempre que o silêncio também deve ser valorizado, evitando ter a música como um pano de fundo constante para qualquer atividade. Além disso, o contato com a obra musical deverá ser complementado com informações sobre o contexto histórico de sua criação, a época, seu compositor, interprete etc.; integrar música e poesia, observando a produção musical de cada região, procurando resgatar e aproximar as crianças dos valores musicais de sua cultura. Também devemos assumir uma postura de disponibilidade em relação à música. Visto que a maioria dos professores não tem formação musical ele deve: sensibilizar-se em relação às questões

inerentes à música; reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento constrói entender e respeitar como as crianças se expressa musicalmente em cada fase e a partir daí fornecer os meios necessários para o seu desenvolvimento; procurar ouvir o que dizem e cantam as crianças, seus gostos e o que está sendo produzido na indústria musical, sem se esquecer da música folclórica, erudita, popular e de outros povos e culturas (étnicas).

Estes conhecimentos da história, da formação social e cultural do povo brasileiro, os princípios e características dos sons e do silêncio podem ser transmitidos para a criança de forma agradável, e só tem a contribuir para a evolução e formação desta criança.

A música é, antes de tudo, movimento, sons, silêncios e ruídos; tensão e relaxamento. Moraes (2001) em seu livro “O que é música”, como desvendar o funcionamento da linguagem musical, seu poder de emocionar e seduzir – ou de expressar, como disse Schoenberg, “a natureza deste e de outros mundos”.

Para muita gente, inclusive para quem fisiologicamente não pode ouvir – tudo pode ser música: o movimento mudo das constelações em contínua expansão, a escola que passa sabendo, um jogo, o pulsar cadenciado do coração seu ou alheio, um rito, um grito, o canto coletivo que dá mais força ao trabalho. E mais: uma confissão sincera ou não, uma viagem, uma aventura; o lazer e o fazer. E ainda: conversas, o estar atento àquele que domina o seu instrumento, o misturar-se às ondas do mar ou à multidão reunida na praça, o tentar compreender uma construção, o imaginar num átimo a agitação dos átomos. Isso tudo também pode ser música. (MORAES, p.7, 2001)

Assim, posso ver música nos poemas (concretas constelações de palavras?) de Haroldo de Campos, nas pinturas de Alfredo Volpi (bandeirinhas, janelas ou a cor na sua própria materialidade?), no teatro ácido de Oswald de Andrade (onde não existe defasagem entre crítica da sociedade e crítica da linguagem) ou nas barrocas óperas assinadas por Glauber Rocha e etiquetadas por simples conforto de cinema. (MORAES, p.8, 2001).

Usar da ópera às canções populares, de Beethoven à Waldick Soriano, a professor pode ousar e usar de tudo, apresentando exemplos que

envolvam todos os gêneros musicais para achar as melhores soluções direcionadas a cada área do conhecimento. Isto é fundamental para professores e educadores que desejam trazer a criatividade e o prazer musical para a sala de aula, ampliando o horizonte de seus alunos e garantindo um aprendizado mais criativo e duradouro.

[...] é bastante raro encontrar no mundo alguma pessoa que não aprecie algum som, seja ele originado da natureza, como o canto de um pássaro, seja ele produzido pelo ser humano, como uma canção qualquer... A partir dessa constatação, percebemos o valor que o som organizado por nós, seres humanos, pode alcançar quando desejamos por meio dele exprimir algo à outra pessoa... Muitas vezes é mais eficaz perpetuar um pensamento transmitindo-o verbalmente pelo canto que pela escrita no papel, no papiro, no pergaminho ou na pedra – a história da humanidade prova isto... A música, o som ordenado, assim como é uma linguagem universal também é uma linguagem por meio da qual uma ideia é mais bem difundida ao longo dos tempos. (FERREIRA, p.09, 2002).

É um trabalho fundamentado em analogias e isso não compromete nem a composição musical nem as matérias a serem ensinadas; deste modo, mantém cada arte ou ciência em seu lugar de direito. (FERREIRA, p.12, 2002).

Poderíamos discorrer sobre muitos outros autores como Schafer (1998), em “O Ouvido Pensante”, em cujo livro não se dirige só a professores de música, mas a todos aqueles que se interessa por ela, ou apenas queiram enriquecer o cenário em que vivem. Tomando como pressuposto a noção de paisagem sonora, a qual construiu a partir de suas próprias experiências, considerando uma gama imensa de alternativas e atividades sonoras, não necessariamente musicais. É um novo olhar para este universo que visa trazer as pessoas ditas leigas, para o convívio harmonioso com a música e os sons, através da apreciação sonora. Citaríamos ainda WISNIK (O som e o sentido) ou mesmo nosso mestre Rubem Alves em “A Musica e a Natureza”, onde ele relata de forma simples, alegre e poética como a música pode ser vista, sentida e ouvida na natureza, com toda a sabedoria e maestria do professor-escritor.

Agora são os ipês cor-de-rosa. Depois virão os amarelos. Por fim, os brancos. Cada um dizendo a mesma coisa de forma

diferente. Variações sobre o mesmo tema, brincadeira musical que poderia ter sido composta por Vivaldi ou Mozart, se Deus não lhes tivesse tomado a dianteira. Sugiro uma pequena sinfonia em três partes. Primeiro Movimento, "Ipê-Rosa", **andante tranquilo**, como o coral de Bach que descreve as ovelhas pastando. Ouve-se o som rural do órgão. Segundo movimento, "Ipê-amarelo", rondo **vivace**, em que os metais, trombones, trompas, tubas, pistões, cores parecidas com as do ipê amarelo, fazem soar a exuberância da vida. "Terceiro movimento, "Ipê-Branco", moderato, em que os veludosos violoncelos falam de paz e esperança". (ALVES, 2004)

Como podemos observar neste levantamento bibliográfico, a música é de grande importância para qualquer idade e se faz necessária, se não essencial na fase inicial da vida, como forma de estabelecer laços emocionais, desenvolver atitudes e atividades de grupo, interação e integração, e tantas outras. Assim pode-se ver que o Ser Musical deve ser acompanhado desde sua concepção e tratado da forma mais natural que existe com a Música e suas características próprias.

Para nós musicoterapeutas a música é a linguagem eleita, onde se pode criar um espaço potencial de acolhimento, o qual através da música, na música e das relações que surgem da experiência musical, possam liberar emoções, comunicação e abertura para eventuais *Insight*. (SHAPIRA, pg.66,2007). A música é portadora de histórias, de sentimentos e valores, pois ela vem de cada um de nós, de nossos pacientes/clientes/alunos, de forma a contar de cada um aquilo que somos, de onde viemos, como nos desenvolvemos, nos transformamos; durante certo tempo e espaço. Finalizo trazendo cinco funções mencionadas por SHAPIRA em seu livro, retiradas de um artigo de Coleen Purdon, intitulado "O papel da música em Musicoterapia Analítica – a música como portadora de histórias"

- 1- A música como ponte, que estabelece conexões diversas a nível interpessoal e intrapessoal.
- 2- A música como um lugar seguro, sendo parte da terapia.
- 3- Música como portadora e relatora da história do paciente/cliente/aluno.

- 4- Música como resposta das necessidades humanas, visualizando os processos musicoterápicos.
- 5- Música como sustentação do desenvolvimento da identidade. Sustentando, nutrindo e cuidando do desenvolvimento do sentido pessoal do EU, e estabelecendo demarcações e diferenças entre cada um dos participantes do dispositivo musicoterapêutico. (PURDON, apud SHAPIRA, p.75/76, 2007)

Somos música e seres musicais em nossa essência!

REFERÊNCIAS

ALVES, RUBENS. **A música da Natureza**. Campinas, SP: Papyrus, 2004

BENENZON, ROLANDO O. **Manual de Musicoterapia**; tradução de Clementina Nastari. Rio de Janeiro:Enelivros ,1985.

BEST, F. **Por uma pedagogia do despertar**. *In*: Biblioteca do educador profissional. [S.I.]: Novo Horizonte, 1981

BIGAND, EMMANUEL. **Revista Viver Mente e Cérebro**. Páginas 59 a 63. Disponível em: <www.vivermentecerebro.com.br>. Acesso em junho 2005.

FERREIRA, MARTINS. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo:Contexto, 2002 – 3ª edição.

LEINIG, Clotilde E.A **Música e a Ciência se encontram. Um estudo integrado entre a Música, a Ciência e a Musicoterapia**. Curitiba: Juruá, 2008

LIMA, E. S. **A criança pequena e suas linguagens** . [S.I.]: Sobradinho 2004.

_____. **Avaliação na escola**. [S.I.]: Sobradinho 2004.

_____. **Ciclos de formação**. [S.I.]: Sobradinho 2004.

Anais do XIII Fórum Paranaense de Musicoterapia v. 13, 2011

_____. **Como a criança pequena se desenvolve.** [S.l.]: Sobradinho 2004.

_____. **Conhecendo a criança pequena.** [S.l.]: Sobradinho 2004.

_____. **Desenvolvimento e aprendizagem na escola.** [S.l.]: Sobradinho 2004.

_____. **Quando a criança não apreende a ler e a escrever.** [S.l.]: Sobradinho 2004.

MORAES, J. JOTA DE. **O que é música.** Coleção Primeiros Passos - Uma Enciclopédia Crítica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1ª reimpressão, 2001.

NEUMANN, ERICH. **A criança: Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o início de sua formação.** São Paulo: CUTRIX, 1991.

SCHAFER, M. **O ouvido pensante.** São Paulo: Unesp, 1998.

SHAPIRA, Diego. FERRARI, Karina. SÀNCHEZ Viviana. HUGO Mayra. **Musicoterapia Abordagem Plurimodal.** Buenos Aires: ADIM Ediciones, 2007

STORR, A. **Music and the mind.** USA: Ballantine Books, 1993

TAVARES, I. M. **Encaminhamento metodológico – Música – IESDE - Algumas considerações sobre o ensino da arte.** [S.l.: s.n., 19--].

VIEILLARD, S. **Emoções musicais.** Tradução de: Mônica Cristina Correa. Revista Viver, Mente e Cérebro, junho de 2005, p. 56-77.

WILLEMS, E. **As bases Psicológicas da Educação Musical.** Trad. Olga Violante. Bienna, Suíça: P´ro Musica, 1970

_____. **Necessidades da educação musical.** [S.l.: s.n.], [19--].

WISNIK, J.M. **O Som e o sentido.** São Paulo: Cia das Letras, 1989